
Conceição Evaristo

**Histórias de leves enganos
e parecenças**

3ª edição revisada



SUMÁRIO

| | |
|-----|----------------------------------|
| 6 | Apresentação |
| 19 | Rosa Maria Rosa |
| 21 | Inguitinha |
| 22 | Teias de aranha |
| 23 | A moça de vestido amarelo |
| 27 | A menina e a gravata |
| 31 | Grota funda |
| 35 | Nossa Senhora das Luminescências |
| 37 | O sagrado pão dos filhos |
| 41 | Os pés do dançarino |
| 45 | Os guris de Dolores Feliciano |
| 49 | Fios de ouro |
| 53 | Mansões e puxadinhos |
| 59 | Sabela |
| 104 | Posfácio |

APRESENTAÇÃO

Pilares e silhuetas do texto negro de Conceição Evaristo

Quantas linhas de Conceição Evaristo seguem nos alumando a sina, o fundamento e a boniteza de revelar segredos mas não matar mistérios? Quanto de vagareza intensa há na sua prosa sutil e elegante que caminha, baila e salta sem alardear os saltos de seus sapatos? Quanto há de traquejo e de gritos cultivados no silêncio das negras anciãs que traz às suas páginas? Quanto haverá de percepção do tempo, do chão e das lutas que canetas pálidas há tempos chamam de fantástico, sem compreenderem que nosso imaginário, por suas matrizes africanas e pelos venenos do convívio do lado de cá do Atlântico, preza a ancestralidade trançando épocas num mesmo timbre, enamorando o tangível do dia com o perfumoso das noites? Quantos enredos de Conceição Evaristo a não caber na gaveta de um realismo temperado a raciocínio gelado, descarnado e desencantado, e nem de uma fantasia apta a agradar negociatas de estereótipos em prateleiras imperiais? Quanto das gotas de Conceição Evaristo trazem o balanço do mar em plenas alterosas mineiras, em contos curtos que começam como um sopro e terminam sua passagem feito um toque agudo na beira de um tambor? Quanto de vassoura de empregada doméstica, de avental de magistério e de diploma de doutorado, peças íntimas da autora, deixa reticências pontiagudas se emaranhando em ocos do racismo brasileiro que é semelhante ao de tantas paragens caribenhas? Quanto há de fortaleza e graça em

sua paciente teimosia de bordar as espirais de ontem, as paisagens de futuro já cantadas há séculos e as urgências contemporâneas que nos espetam e assam nessa terra coalhada de segregação?

Em seu mais recente livro, *Histórias de leves enganos e parencas* (Malê Editora), de bela, simples e fundamental feitura pela nova editora Malê, Conceição Evaristo mergulha com ainda mais fôlego em princípios que já se desenhavam nas atmosferas de seus romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* (ambos pela Mazza Editora). Os mapas ainda tem as mesmas cores e silhuetas, estampam as curvas da Minas Gerais que é Congo e das alturas do Rio de Janeiro que é Angola antiga, hoje em nós. Trazem os sussurros, desabafos e revides de quem há 500 anos girando moinhos elabora malícia e gana nas esquivas pela necessidade de manter a coluna apumada e a prole viva. O texto de Conceição Evaristo alarga o colo e o suspense das rodas de conversa noturna. Estende motes antigos servindo novas perguntas e espaços a pessoas que povoaram histórias de roças e de quartinhos recheados de crianças com avós partilhando o que a pouca farinha pudesse contemplar. Mescla prismas da mais digna altivez e da mirada de baixo pra cima, própria da humildade e também do cangote curvado por viciosa resignação ou estratégia. Abre asas enlaçando miudezas de africanias e estruturas gastas e corrosivas de Brasis que, seja nos litorais, nos interiores montanhosos, nas matas enluaradas, nos mangues cercados ou nas esquinas cimentadas, por tantas vezes nos lembram Soweto e Mississipi.

A poesia de Conceição Evaristo é comovente e também um exame ardido dos pilares de nossa sociedade. Sem simplismos mas com fluência arrebatadora, seus versos pairam e magnetizam nas rodas, tão

serenos quanto trovoadas que sussurram. Cantam luares e quilombagens, perdas e gozos, num tom e garimpo que se distingue um pouco de sua obra em prosa, que se é menos contundente e explícita na chamada à malungagem (o que faz com uma tecelagem mais subterrânea) é mais porosa a contradições, labirintos e surpresas. Este sabor, seu jeito de forno, vem mesmo desde suas primeiras ficções em “Cadernos Negros” e nas novelas que esperaram décadas por publicações aqui e por debates e traduções pelo mundo. São ainda incipientes aos clubes oficiais da literatura brasileira, apesar do reconhecimento crescente e tardio que começa a vogar nos gabinetes e círculos regidos pela elite letrada da mesmice colonizada, a que adora parecer latino-americana oprimida nos círculos europeus mas que aqui balança a batuta de antigos canaviais em seus festivais. As diferenças entre a obra poética e a criação em prosa da escritora lembram a distinção entre a poesia e os contos de outro mestre escanteado há décadas pelo apartheid editorial brasileiro: Osvaldo de Camargo. Se as histórias deste escritor por vezes giram entre a melancolia e a ironia de personagens envolvidos em lanchadas memórias e devastadores dilemas imprevisos, seus versos são punhos cerrados e paródias agudas dos símbolos furados da chamada democracia racial de cá.

Em “Histórias de Leves Enganos e Parecenças”, como levanta manhoso o próprio título, o que parece e aparece é vigoroso em si, dispensando qualquer aval que o sustente como real sem considerar que a imagem e o que muitos pintam como inexato, descartável ou enganoso é mesmo o miolo ou a tradução de um jeito de sentir o tempo e as relações humanas. Não orna com um materialismo cartesiano que desqua-